

GRUPO TERAPÊUTICO DE MEDIAÇÃO E A FORMAÇÃO CLÍNICA EM CASAIS E FAMÍLIAS

*THERAPEUTIC GROUP OF MEDIATION AND
CLINICAL TRAINING IN COUPLES AND FAMILIES*

*GRUPO TERAPÉUTICO DE LA MEDIACIÓN Y LA
FORMACIÓN CLÍNICA EN PAREJAS Y FAMILIAS*

*Sandra Aparecida Serra Zanetti**

*Isabel Cristina Gomes***

RESUMO

A prática clínica psicanalítica com casais e famílias possui especificidades que demandam maior cuidado, principalmente com relação a graduandos de Psicologia que a iniciam, para que conteúdos ligados à herança familiar não comprometam o atendimento clínico que oferecem. Diante disso, o presente artigo tem como intuito apresentar uma pesquisa de que teve como objetivo verificar se o Grupo Terapêutico de Mediação com estudantes de Psicologia seria capaz de favorecer o funcionamento do pré-consciente, no que se refere à elaboração psíquica de conteúdos ligados à trama inconsciente familiar. Sete estudantes participaram primeiramente de uma entrevista individual, em seguida de cinco encontros no Grupo Terapêutico de Mediação e, posteriormente, de uma entrevista individual final. Os resultados apontam que o Grupo Terapêutico de Mediação foi capaz de desenvolver a função pré-consciente dos estudantes, mostrando-se como um importante instrumento terapêutico, e que pode ser empregado como um cuidado complementar e como uma estratégia de formação para o estágio de prática clínica em Psicologia.

Palavras-chave: transmissão psíquica entre gerações; estudantes universitários; psicanálise de grupo.

* Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina, PR, Brasil.

** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) – São Paulo, SP, Brasil.

ABSTRACT

The psychoanalytic clinical practice with couples and families has specificities that require greater care, especially in relation to undergraduate Psychology initiating this practice, in order that the family heritage linked content does not compromise the clinical care they offer. Therefore, this article has the intention to present a research that aimed to verify that the Mediation Group Therapy with psychology students would be able to facilitate the operation of the pre-conscious, as regards the psychic elaboration of contents linked to the story family unconscious. Seven students took part in an individual interview, then they attended five meetings in Therapeutic Group Mediation, and then a final individual interview. The results show that the Therapeutic Mediation Group was able to develop the pre-conscious function of the students, showing up as an important therapeutic tool, which can be employed as a complementary care and as a training strategy for clinical practice internship in psychology.

Keywords: psychic transmission between; college students; group psychoanalysis.

RESUMEN

La práctica clínica psicoanalítica con parejas y familias tiene especificidades que requieren mayor atención, especialmente en relación con los estudiantes de psicología que inician esta práctica, por lo que los contenidos relacionados con la herencia familiar no ponen en peligro la atención clínica que ofrecen. Por lo tanto, este artículo tiene la intención de presentar una investigación que tuvo como objetivo verificar que la Terapia de Grupo de Mediación con estudiantes de psicología sería capaz de facilitar el funcionamiento de lo pre-consciente, en cuanto a la elaboración psíquica de contenidos vinculados a la trama familia inconsciente. Siete estudiantes primero tomaron parte en una entrevista individual, entonces cinco reuniones en el Grupo Terapéutico Mediación, y luego una entrevista individual final. Los resultados muestran que el Grupo Terapéutico Mediación fue capaz de desarrollar la función de pre-consciente de los estudiantes, apareciendo como una herramienta terapéutica importante, que puede ser empleado como una atención complementaria y como estrategia de capacitación para la práctica clínica en psicología.

Palabras clave: transmisión psíquica entre las generaciones; estudiantes universitarios; psicoanálisis de grupo.

Introdução

A prática clínica psicanalítica com casais e famílias possui especificidades que demandam atenção, principalmente com relação a graduandos de Psicologia que a iniciam. Essa modalidade de atendimento surgiu após alguns teóricos conceberem a existência de um aparelho psíquico para além do individual. Atualmente, entende-se que não existe apenas a realidade formada pelas fantasias inconscientes e da vida pulsional, mas também aquela formada pelo encontro de dois ou mais sujeitos (Kaës, 2011; Zanetti & Gomes, 2012).

Dessa forma, quando o terapeuta tem como paciente um casal ou uma família, deve-se considerar não somente os aparelhos psíquicos individuais de cada um dos sujeitos na sessão, mas as dinâmicas e funcionamentos psíquicos que ocorrem nesses vínculos. O terapeuta precisará estar atento para não se identificar mais com um membro do grupo do que com o(s) outro(s), por exemplo estabelecendo um par com aquele que consciente ou inconscientemente aparenta ser o mais correto, ou que precisa de maior cuidado; ou, ainda, estabelecendo um conluio com o grupo visando à manutenção da patologia, quando esta se liga a uma dificuldade inconsciente do terapeuta, o que inviabilizaria o processo terapêutico. O objetivo como terapeuta não é o de participar da dinâmica do casal ou da família, mas identificar a dinâmica que está em jogo ou na qual está sendo solicitado a fazer parte, inclusive pela identificação dos sentimentos contratransferenciais, e apontar isso para o grupo. (Melo, Magalhães & Féres-Carneiro, 2014; Gomes, 2014; Zanetti, Sei, & Colavin, 2013).

É dessa forma que Correa (1992) enfatiza que, nesse tipo de prática clínica, o terapeuta pode se mobilizar por uma dinâmica do seu grupo familiar interno que irá se unir a situações do grupo atendido no processo terapêutico. Lamanno (1994) explica que se analisadas em profundidade as motivações de um profissional que escolhe o atendimento de casal poderá ser verificado que a motivação inconsciente envolvida nessa escolha está relacionada a conflitos de ordem edípica; e, nesse sentido, o profissional será tentado a entender o êxito da terapia como a perpetuação do casamento. Cabe ainda salientar que a contratransferência, quando devidamente percebida e analisada pelo terapeuta, torna-se um importante instrumento diagnóstico em relação a questões inconscientes no casal ou na família (Melo, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014).

As especificidades do atendimento de casal e família não param por aí. Para Spivacow (2011), não se trata ainda da necessidade de o terapeuta descobrir a “verdade” ou a “realidade” sobre as recriminações que circundam os conflitos, as indignações, as crises de um casal, pois o terapeuta não é um investigador po-

licial que legisla sobre a relação do casal, mas cabe tentar mostrar-lhes o inconsciente que opera em seus funcionamentos. Gomes (2005) enfatiza que partimos do pressuposto de que tanto o atendimento a casais quanto a famílias requer algo a mais do terapeuta quando comparado aos atendimentos individuais, destacando-se a necessidade de “atenção redobrada aos mecanismos transferenciais e contratransferenciais, e o entendimento da real demanda por tratamento também é um fator bastante importante neste tipo de encaminhamento, já que é muito raro uma família vir buscar ajuda para ela como um todo” (Gomes, 2005, p. 310).

Portanto, enfatiza a autora supracitada, “dentro deste cenário de demandas indiretas, sabemos o quão árdua é a tarefa dos nossos estagiários” (Gomes, 2005, p. 310), estudantes de psicologia. Isto é, iniciar a prática clínica dentro dessa modalidade de atendimento a casais e famílias é mais complexo em função de todos os apontamentos anteriores. Assim, o presente artigo é derivado de uma pesquisa de pós-doutorado que teve como objetivo verificar se o Grupo Terapêutico de Mediação (GTM), baseado numa técnica francesa (Vacheret, 2008), com estudantes de graduação em Psicologia seria capaz de favorecer o funcionamento do pré-consciente nesses estudantes, com a finalidade de promover a elaboração psíquica de conteúdos ligados à trama inconsciente familiar, para que estes não interferissem em suas práticas clínicas. O texto subsequente visa fundamentar as bases dessa pesquisa.

Herança psíquica familiar

A psicanálise de casal e família concebe a existência da troca de material psíquico, consciente e inconsciente, entre gerações. Nesse contexto, o processo de elaboração psíquica dos conteúdos geracionais herdados psiquicamente é um trabalho complexo e fundamental, porque é somente por meio deste que o indivíduo se torna sujeito, ao procurar desprender-se das alianças inconscientes do grupo familiar primário, subjetivando-se em meio à intersubjetividade (Kaës, 2011, 2014; Paiva & Gomes, 2012; Sei & Gomes, 2012).

As alianças inconscientes são pactos, contratos e acordos inconscientes entre membros de um grupo. Existem para reforçar certos processos, certas funções ou certas estruturas das quais os sujeitos retiram um benefício tal que a ligação os mantém unidos (Kaës, 2014).

A subjetivação, por esse meio, é um processo de transformação do indivíduo assumido pelo Eu que está sob o efeito das situações dos sujeitos do incons-

ciente do vínculo. O sujeito do inconsciente refere-se a um sujeito submetido às formações e aos processos do inconsciente, estando, portanto, sob o efeito de “uma ordem, de uma instância, de uma lei que o constitui em sujeito” (Kaës, 2011, p. 222).

O processo de se libertar das alianças inconscientes que regem os vínculos atravessa as dinâmicas internas das famílias, inclusive daquela na qual o estudante, que se propôs a realizar um atendimento a casal ou família, faz parte. O que se salienta é que quando um material inconsciente ligado às dinâmicas familiares vividas ou recebidas está inconsciente este pode interferir no entendimento e mesmo no manejo clínico com casais e famílias, que poderá se colocar a serviço da organização psicótica do casal (Lamanno, 1994) ou da família.

Somam-se a esse conhecimento, resultados de um estudo anterior (Zanetti, 2012) onde foi possível entender que, na atualidade, os sujeitos em geral acabam tendo uma dificuldade maior para elaborar heranças psíquicas recebidas em função das condições socioculturais e econômicas de existência. Falhas ou instabilidades na forma como se organiza nossa cultura, em poucas palavras, se transformam em falhas nos processos de elaboração psíquica, mecanismos pré-conscientes da mente. Essas marcas da contemporaneidade podem interferir na atividade clínica com casais e famílias, principalmente quando os terapeutas são estudantes de graduação que estão iniciando essa prática, levando ainda em consideração as especificidades e dificuldades desse tipo de atendimento, conforme exposto acima.

Os estudantes deste estudo eram participantes de um projeto de extensão cuja finalidade era transmitir a fundamentação teórica necessária, por meio da teoria psicanalítica de casal e família, para a prática em psicoterapia psicanalítica de famílias, a ser realizada por eles num serviço-escola. Vale ressaltar que as atividades propostas tinham o formato de discussões teóricas e supervisões clínicas realizadas com o grupo de alunos interessados. De modo preliminar, a formação destes nessa modalidade de atendimento compreendia ainda a participação em dinâmicas grupais que propiciavam o acesso a conteúdos inconscientes sobre a própria herança psíquica visando à compreensão do funcionamento dos instrumentos terapêuticos de trabalho clínico. Assim, nossa intenção, com a formação dos grupos terapêuticos, foi a de facilitar elaborações psíquicas relacionadas a temáticas envolvendo representações, conflitos e dinâmicas ligadas à trama familiar inconsciente dos mesmos, por meio da técnica da Fotolinguagem©.

Grupos terapêuticos: formação e dinâmicas

Vacheret (2005), baseando-se na obra de Kaës, desenvolveu uma prática clínica com grupos denominada de Fotolinguagem[©]. Essa técnica foi criada em 1965 por um grupo de psicólogos de Lyon e atualmente visa à terapia psicanalítica grupal, por meio de sessões semanais, com cerca de cinco a oito participantes, contando com a duração de uma hora ou uma hora e quinze minutos. Nesses grupos, um psicólogo-animador irá colocar uma questão aos membros do grupo no início da sessão e cada um dos integrantes tentará respondê-la com a ajuda de uma foto. As fotos são selecionadas previamente e ficam disponíveis em uma mesa. Cada membro do grupo escolhe sua foto, inclusive o psicólogo-animador, cujo trabalho de interpretação insere-se no fato de participar do grupo como um integrante; ou seja, a função deste não é de realizar intervenções interpretativas, pois parte-se do princípio de que o que é terapêutico nesse tipo de grupo é a possibilidade das trocas intersubjetivas (conscientes e inconscientes).

Após a escolha das fotos, estas são apresentadas ao grupo. Num primeiro momento os membros do grupo são convidados a falar individualmente sobre a sua foto e, num segundo momento, todos são convidados a dizer o que veem de parecido ou de diferente entre as fotos apresentadas. Assim entra em curso o trabalho das trocas intersubjetivas, das trocas imaginárias, que permitem a transformação do objeto mediador (foto): o objeto que foi percebido de determinada maneira, individualmente, poderá ser percebido de outra forma por meio das trocas no grupo. Dessa forma, “uma mulher recusava a visão de um outro participante, que via uma criança morta no deserto a partir de sua foto, que era para ela a foto de uma criança dormindo tranquilamente ao contato da areia quente, sobre a praia, no verão” (Vacheret, 2008, p. 188).

Esse tipo de dispositivo grupal, segundo Vacheret (2005), permite a reparação, na configuração do vínculo, da implementação da cadeia associativa grupal. Este conceito foi desenvolvido por Kaës (2005b) a partir da noção freudiana de cadeia associativa, que, por meio das representações intermediárias, promove ligações entre processos primários e secundários, semelhante ao que ocorre num sonho. O pensamento em imagens está mais próximo dos processos inconscientes, como nos sonhos, e está igualmente num grupo quando se trata de associar livremente sobre uma foto, que se torna imagem daquilo que ela metaforiza (Vacheret, 2005; Mitsopoulou & Vacheret, 2013).

A transferência que ocorre num grupo é difratada: está depositada em cada um dos membros e não condensada na figura do terapeuta, como é o caso da terapia individual (Kaës, 2005a). Todas as facetas identificatórias de um sujeito se

depositam nos outros sujeitos. Assim, um integrante pode perceber, por exemplo, que o outro é capaz de lhe restituir uma palavra que faz sentido, dentro de sua história. O outro sujeito do grupo pode falar sobre mim, assinala Vacheret (2005), porque depusitei nele uma parte de minha realidade psíquica e de meus grupos internos, que ele é capaz de colocar em palavras e em representações. Esse processo permite que algo sobre mim possa me retornar “desintoxicado”, nomeado e capaz de ser reapropriado. Independentemente da vontade, todos num grupo são como elo de uma cadeia e oferecem, uns aos outros, a possibilidade de elaborações psíquicas por meio das associações entre significantes. Dessa forma, o grupo é o objeto mediador e uma configuração particular onde o inconsciente emerge e se manifesta de modo tangível, reparável e analisável (Vacheret, 2005).

Toda a fundamentação dessa técnica de Vacheret (2005, 2008) baseia-se nos conhecimentos da teoria kaesiana. Para Kaës (2005b), no grupo o sujeito não fala somente em nome próprio, mas dentro daquilo que é permitido e valorizado por meio das alianças inconscientes que se estabelecem entre seus membros. A produção associativa de um sujeito se manifesta e se transforma ao longo das interações grupais, promovendo a sucessão de falas dos diferentes membros, respeitando os movimentos permitidos pelas alianças inconscientes que exercem a função de corcalque (Kaës, 1999). O autor, identificado com a teoria freudiana, para a qual o recalque é um processo intrapsíquico, considera que este mesmo processo encontrará no vínculo condições para favorecê-lo ou dificultá-lo. Castanho (2012) afirma que é, portanto, o estabelecimento de uma função corcalcante intersubjetiva que irá autorizar a fala no processo associativo grupal.

Os grupos terapêuticos propostos por Kaës (1999) e Vacheret (2005, 2008) tem por diferencial, na proposta de trabalho, contemplar um elemento mediador porque são grupos destinados a reestabelecer a capacidade associativa do pré-consciente. As relações no grupo são, portanto, mediatizadas por um elemento sensorial ou por objetos culturais, como a fotografia. Além dessa diferença, o objetivo desses grupos é o de “ativar ou reanimar certos processos psíquicos não mobilizáveis ou modificáveis de outro modo, ou que o sejam, com esse dispositivo, de modo mais eficaz.” (Kaës, 2005a, p. 46-47).

De acordo com Vacheret (2000), o objeto mediador, no grupo, tem função facilitadora do acesso à transicionalidade, articulando dois tipos de realidades distintas, tal como propõe a teoria winnicottiana. Dessa forma, esses objetos operam incidindo sobre os processos psíquicos de ligação no interior de cada sujeito e entre eles. A autora assegura que “a mediação é o que precede e prepara um trabalho psíquico de ligação simbolizante [...]. O objeto mediador é o lugar de

colocação do imaginário em forma, nesse sentido ele é mobilizador do espaço do pré-consciente” (Vacheret, 2000, p. 160).

Castanho (2012) assinala que o grupo mediador se torna um espaço para aquilo que se tornou figurado possa ser falado e então pensado, atravessando os diferentes registros psíquicos e resgatando a capacidade associativa do pré-consciente. O pré-consciente, para Kaës (1999), compreende o sistema psíquico em que ocorrem os processos de transformação de conteúdos para retornarem à consciência. “É a esse sistema que se junta a capacidade associativa, tradutora e interpretativa da psique” (Kaës, 1999, p. 92).

Castanho (2011) ainda ressalta que a cultura contemporânea assume o paradoxo da coexistência de uma grande quantidade de imagens em circulação no meio externo e da tamanha carência na exigência de figurabilidade psíquica. Neste sentido, entende a importância de grupos com objetos mediadores, pois apostam no entendimento de que as imagens que circulam entre os sujeitos são elementos fundamentais para as formações psíquicas que permitem responder à exigência de figurabilidade do sistema psíquico.

Metodologia

Participantes

Os participantes foram sete estudantes de graduação do curso de Psicologia de uma universidade pública que se propunham a iniciar ou que estavam iniciando a prática clínica com casais e famílias, sob supervisão. Esses estudantes compuseram a formação do Grupo Terapêutico de Mediação (GMT). O número de estudantes escolhidos para a participação nos grupos terapêuticos se baseou na técnica de Grupo Terapêutico de Mediação apresentada por Vacheret (2005) e por se tratar de uma pesquisa de base qualitativa (Campos & Turato, 2010), como parte das atribuições de um pós-doutorado da primeira autora.

Instrumentos utilizados

Primeiramente, optou-se pela entrevista semidirigida com os estudantes que participariam do Grupo Terapêutico, individualmente, para se traçar um perfil dos componentes do grupo. Ela foi composta por três partes: a primeira visou à coleta de dados gerais do participante (nome, data de nascimento, idade e dados sobre a família); a segunda, compreender as motivações desse estudante

pelo atendimento de casal e família por meio dos seguintes temas abordados: expectativas com relação à prática clínica, motivações para escolher o atendimento a casal e/ou família, dificuldades que espera encontrar nessa prática; a terceira parte, o lugar que o participante ocupa na sua família de origem e o modo como se apropria de sua herança psíquica geracional a partir das seguintes temáticas: história de vida, problemas ou dificuldades que considera importantes na vida, conquistas das quais sente orgulho, como avalia a vida que os pais construíram e o casamento deles, como avalia o modo como foi educado, como considera a inserção na própria família, como avalia a relação que tem com os pais e irmãos.

A entrevista semidirigida consiste num campo definido de perguntas abertas no qual o entrevistado pode transitar, sem necessariamente ter que se prender a perguntas e respostas fechadas, sendo um instrumento fundamental do método clínico e uma técnica de investigação científica em Psicologia (Bleger, 1980). Para o autor, nessa técnica, por meio da relação estabelecida na transferência, os determinantes da conduta e da personalidade que não se incluem entre os elementos que o participante poderia trazer, voluntária ou conscientemente, vão se configurar no campo da entrevista, algo que acrescenta uma dimensão importante para o conhecimento da estrutura da personalidade e do caráter dos seus conflitos.

Frosh (2009), numa dimensão mais atual, também sustenta a ideia de que a entrevista semidirigida é um instrumento privilegiado de percepção de aspectos inconscientes e salienta que um pesquisador sensível e com capacidade de continência poderá captar a energia subjacente ao que está sendo dito. Para o autor, sentimentos, pensamentos, fantasias, afetos despertados no pesquisador e no entrevistado, no momento da entrevista, poderão ser cuidadosamente tomados como material de análise. Trata-se do modo como se estabelece o vínculo intersubjetivo entre pesquisador e participante, que, se puder ser percebido dessa forma, é capaz de fornecer dados preciosos, muitas vezes ocultos, podendo contribuir para um conhecimento mais profundo do fenômeno estudado no campo da pesquisa em psicologia. Assim, diante desse aporte teórico, também se entende que o tempo da entrevista com os participantes poderia variar de acordo com a disponibilidade de cada um em tratar dos temas abordados, já que tudo que compuser o *setting* da entrevista pode ser analisado: ausência de respostas, dificuldades para se aprofundar em determinado tema, o modo como o entrevistado se porta diante de uma questão etc., tomando por base o estabelecimento da transferência e contratransferência.

Na sequência foi realizado o Grupo Terapêutico de Mediação, referenciado na abordagem psicanalítica kaesiana e na técnica desenvolvida por Vacheret (2005, 2008). Da mesma forma que a proposta de Vacheret (2005), o grupo se

iniciou com uma pergunta, formulada pelo animador (pesquisadora), a qual os integrantes procuraram responder por meio da escolha de uma foto, inclusive o animador, para que posteriormente cada um explicasse individualmente o motivo da escolha. Num segundo momento, o grupo permitiu trocas intersubjetivas comparando as impressões diferenciadas e semelhantes. Importante ressaltar que, como as fotos utilizadas por Vacheret (2005) encontram-se num acervo particular, utilizamos uma adaptação da técnica ao oferecer revistas aos estudantes, para que escolhessem as fotos a partir daquelas expostas à disposição. Essa adaptação se justifica nos trabalhos com grupos que utilizam técnicas mediativas, pois os elementos mediativos podem variar desde o uso de argilas, contos, massas de modelar, confecção de cartazes e etc., a partir da escolha de figuras (Kaës, 2005a; Castanho, 2012).

Foram realizados, ao todo, cinco encontros com os estudantes. Esse número foi definido a partir da necessidade de se trabalhar com quatro temáticas que se acreditava serem suficientes para alcançar o objetivo da pesquisa. Quatro perguntas foram formuladas, uma em cada encontro, e no último encontro foi feito um fechamento. As quatro perguntas foram: 1) O que significa atendimento clínico a casais e famílias para você?; 2) É possível estabelecer uma boa relação com nossos pais?; 3) É possível construir uma vida completamente diferente da vida de nossos pais?; 4) Existem dificuldades no atendimento clínico a casais e famílias?. Essas perguntas foram elaboradas a partir das hipóteses levantadas, para a realização da pesquisa/intervenção, com a finalidade de estimular, nos integrantes do grupo, um conhecimento mais aprofundado sobre suas dinâmicas de funcionamento familiares e geracionais, propiciando um acesso direto ao conteúdo que pretendíamos trabalhar no grupo, tornando-as conscientes. Além disso, contava-se com o elemento mediador das fotos que, segundo Vacheret (2005), propicia um trabalho em profundidade, na medida em que facilita a emergência do inconsciente.

Após o término do grupo e encerrados os atendimentos dos estudantes ao final do semestre, foi realizada outra entrevista semidirigida com eles, individualmente, visando à avaliação da eficácia do Grupo Terapêutico de Mediação para o favorecimento da prática clínica realizada por eles. Essa entrevista foi composta por perguntas que facilitavam o esclarecimento sobre o tipo de influência que o grupo teve para o atendimento clínico do estudante e sobre as dificuldades que pudessem ter surgido no desenvolvimento da prática clínica.

Os temas abordados nessa entrevista foram: pontos que consideraram favoráveis e desfavoráveis na escolha do atendimento a casais e/ou família; a própria avaliação como terapeuta de casal e/ou família; dificuldades no processo de atendimento; a pretensão em dar continuidade a essa modalidade de atendimento

clínico após formado; avaliação sobre o aporte teórico da formação e a supervisão para o atendimento; questões de ordem pessoal que poderiam interferir no atendimento clínico; avaliação quanto à própria participação no grupo terapêutico; momentos marcantes e difíceis do grupo; e avaliação do grupo como dispositivo terapêutico.

Procedimentos

Coleta de dados

Foi realizado um convite aos graduandos de Psicologia que estivessem iniciando a prática clínica a casais ou família para participarem do Grupo Terapêutico de Mediação. Com todos os participantes, depois de explicitados os objetivos da pesquisa e aceito o convite, foi ainda necessária a anuência por intermédio do termo de consentimento (TCLE) assinado por eles no momento da entrevista.

Todas as entrevistas individuais foram realizadas em até dois encontros, de no máximo duas horas, quando necessário, no espaço da Clínica-Escola da universidade. O critério para determinar o tempo de duração das entrevistas estava ligado à própria disponibilidade do participante em relatar, com maior ou menor riqueza de detalhes, os conteúdos propostos. O grupo terapêutico de mediação foi realizado em cinco encontros, conforme explicitado anteriormente, na mesma Clínica-Escola. Todo o material foi gravado (mediante autorização), transcrito e posteriormente analisado.

Análise dos dados

Esta pesquisa fundamenta-se no método clínico-qualitativo, que procura compreender a subjetividade através de uma perspectiva e postura clínica. Segundo Campos e Turato (2010), esse método científico de investigação é adequado para descrever e interpretar sentidos e significados de fenômenos relacionados à vida dos indivíduos, participantes de um *setting* relacionado com cuidados de saúde. O tratamento dos dados foi referendado no aporte teórico psicanalítico intrapsíquico e de casal e família para a análise das entrevistas, e psicanalítico kaesiano para a análise do grupo terapêutico.

Para a avaliação dos benefícios do grupo terapêutico tomaram-se como parâmetro inicial os dados colhidos na entrevista individual pré-grupo, a qual forneceu indicativos de problemáticas vivenciadas pelos estudantes com relação à

trama inconsciente familiar. Em seguida, procurou-se identificar se essas problemáticas puderam ser trabalhadas no espaço grupal por meio da análise das trocas intersubjetivas. Finalmente, as entrevistas finais forneceram um *feedback* sobre a experiência vivida no grupo com relação à possibilidade de maior conscientização do estudante sobre suas problemáticas de origem familiar, informações sobre suas dificuldades no desenvolvimento da prática clínica e, ainda, o tipo de auxílio que ele percebeu que o grupo pôde oferecer nesse sentido.

A apresentação dos resultados, na sequência, infelizmente não poderá abarcar a extensão das análises feitas na pesquisa. Dessa forma, teve-se o intuito de apresentar o que foi trabalhado em cada encontro, brevemente, para demonstrar o modo como as problemáticas individuais surgiram e foram elaboradas no grupo e, posteriormente, como a experiência grupal foi interpretada e avaliada como de ajuda nos atendimentos que estavam sendo realizados pelos estudantes, nas entrevistas finais.

Resultados

De um modo geral, a análise dos encontros revela que o grupo evoluiu no transcorrer das vivências em termos de capacidade de trocas, de descontração e de sintonia, demonstrando que aos poucos se tornou um espaço confiável aos membros, sustentados pelo enquadramento grupal. Abaixo será feito um recorte dos encontros para exemplificar conteúdos emergentes e facilitados pela técnica de escolha das figuras.

1º. Encontro: Iniciou-se com a pergunta: “O que significa atendimento clínico para você?”. As figuras escolhidas apontaram para a ideia de que o atendimento clínico envolvia um enigma a ser desvendado, liberdade, algo a ser revelado, ou aprofundado. Cíntia (os nomes dão sempre fictícios), de 24 anos, por exemplo, escolheu uma imagem que aparentava um bloco maciço escuro com algumas rachaduras. Contudo, não soube traduzir o motivo de sua escolha e somente apresentou-a com a palavra “enigma”. No momento de trocas sobre percepções, Elisa, de 22 anos, comenta que a figura de Cíntia a fez pensar que as rachaduras poderiam ser o que possibilita o contato com algo mais profundo, inconsciente.

2º. Encontro: Foi feita a seguinte questão: “É possível ter um bom relacionamento com nossos pais?”. Em sua maioria as respostas foram sim, mas como algo em construção. Rodrigo, com 21 anos, opta por uma figura de um colar em que a noção de escolha dos componentes é dada *a priori*: “algo que você não esco-

lhe entrar e não pode se desfazer nunca, mas para ser bom precisa ser construído”. Cíntia apresenta a imagem de uma casa em construção e salienta que é possível ter uma boa relação com os pais, “mas que isso demanda o trabalho de muita gente”. Júlio, com 23 anos, comenta que a relação pode ter suas dificuldades, mas ser boa, e elegeu uma figura em que “a relação mãe-filha é mediada por uma paixão em comum, que é a moto” e compara essa relação com a que tem com seu pai, pois também “é mediada por uma paixão, pela música”.

3º. Encontro: Foi abordada a questão de que se era “possível construir uma vida completamente diferente da vida de nossos pais”. Aqui, de uma forma mais descontraída foi possível ouvir comentários mais pessoais. Jacqueline, com 19 anos, conta a todos que suas brigas com o namorado são parecidas com a de seus pais e que se preocupa com isso. Mônica, de 46 anos, conta que seu primeiro casamento parece ter sido uma repetição do casamento dos pais dela. Rodrigo confessa ser parecido com o pai, fato de que não se orgulha. Cíntia se diz igual sua mãe no jeito de ser com o irmão mais novo; e Elisa comenta que o casamento dos pais tem muitas falhas. Vale ressaltar que Cíntia escolhe uma figura que se assemelha com um ator e diretor. Diz que escolheu a foto para indicar que achava que as escolhas não poderiam ser muito diferentes entre pais e filhos, e nas conversas sobre as escolhas foi apontado a ela que o pai estava sentado na cadeira de ator e o filho na de diretor; comentário que ela acha interessante.

4º. Encontro: Esse os fez refletir se havia “dificuldade no atendimento clínico a casais e famílias”. o encontro proporcionou o surgimento de um fenômeno inesperado: Jacqueline, Cíntia, Elisa e Amanda, com 23 anos, tinham uma amizade mais profunda. Isso fez com que se formasse um subgrupo no qual o aproveitamento das trocas inconscientes se fez mais visível. Após as explicações das imagens, assumem que “uma pegou a figura da outra”. Cíntia pensou em escolher a imagem eleita por Amanda, mas não escolheu. Amanda mostrou a imagem escolhida por Elisa para Jacqueline, mas nem Amanda e nem Jacqueline a escolheram. Amanda confessa que havia dito para Jacqueline “olha que imagem bonita!”, e quem escolhe essa imagem é Elisa. Entendemos que esse é um fenômeno que aponta para o fato de que elas se apoiavam na função pré-consciente uma da outra para ajudá-las na elaboração de conteúdos que, individualmente, requeriam um esforço psíquico maior, ou mesmo não seria possível. Porém, apesar das trocas inconscientes antes mesmo da escolha das imagens, ou justamente por isso, Elisa e Jacqueline disseram que não ficaram satisfeitas com as escolhas. Ainda assim, as imagens delas foram as que mais encantaram os olhares dos membros do grupo e todos se manifestaram sobre o que puderam refletir. Pode-se conjecturar, diante disso, que quando alguém não fica satisfeito com uma escolha de imagem

no GTM é porque o pré-consciente não conseguiu elaborar por si só a mensagem inconsciente que a imagem revela, e por isso pede ajuda ao grupo, por meio de uma verbalização que expressa insatisfação, e é atendido porque provavelmente aquela imagem diz respeito a mais de um. Nesse encontro a imagem escolhida por Elisa retratava uma família num barco diante de uma cachoeira, num lugar “sem saída”. Depois de muitos apontamentos, aparentemente a “saída” encontrada pelo grupo, verbalizada por Mônica, foi a aposta de que o terapeuta de família estaria olhando de cima, por meio de uma visão privilegiada, e por isso realmente não competia aos membros da família fazerem essa função pelo grupo familiar. A análise posterior faz supor que Elisa foi capaz de captar uma urgência psíquica que habitava em uns de forma inconsciente, e pré-consciente em outros. As atividades com as figuras aliadas às perguntas com foco nas ligações familiares proporcionaram que algo viesse à tona e fosse trabalhado pelo aparelho psíquico grupal.

5º. Encontro: Foi somente nesse que a urgência, descrita acima, veio à consciência de uma forma mais clara. Esse encontro tinha a função de um fechamento e, conversando, constatou-se a necessidade de tratarem de um assunto que dizia respeito a todos: a sensação de que deveriam ser agentes de mudanças em suas próprias famílias, em favor do amadurecimento do grupo familiar. Assim, o grupo terapêutico funcionou no sentido de encontrar suporte para reforçar a ideia contrária: de que “um sozinho não consegue trabalhar por todos”. Ou seja, para que uma família melhore seus relacionamentos todos devem fazer sua parte. Elisa assumiu o papel de porta-voz do grupo, reforçando verbalmente essa ideia, que foi ficando mais evidente no decorrer do tempo. Ou seja, compreendeu-se que o modo como se organizou o dispositivo grupal, como um todo, permitiu o processamento pré-consciente por todos os membros quanto a essa temática.

No que se refere às entrevistas finais, ainda sobre esse fato Elisa comenta:

Então eu acho que isso já era um pouco claro para mim, mas conforme eu fui escolhendo as imagens e muito do que o pessoal me falou, eu acho que ficou mais importante assim... não só a questão de que todo mundo tem que se mover para melhorar uma situação... mas de enxergar realmente as condições de cada um, as questões de cada um. Porque eu queria que todo mundo se ajudasse... mas talvez tenha alguém com alguma limitação, que é difícil da gente perceber...

Constatou-se que o grupo parece ter ajudado a todos no geral. Alguns relataram que iam embora dos encontros refletindo sobre suas próprias histórias e sobre a dos outros, que conheciam. Frisaram o aspecto terapêutico que o gru-

po concedeu a eles, em função das trocas ocorridas e do favorecimento do pré-consciente: “Acho que me ajudou a pensar um pouco mais sobre minha família, minhas questões... porque às vezes não é tão difícil assim, né? Conversar com essas pessoas sobre esses assuntos, ver como elas expõem os assuntos das famílias delas eu vi isso no grupo assim...” (Cíntia). Cíntia é adotada e o cubo enigmático escolhido no primeiro encontro faz pensar no enigma de uma história que ela não conhece, a de seus pais biológicos. Além disso, conta em sua entrevista final que o apontamento que lhe foi feito no terceiro encontro, sobre o pai estar sentado na cadeira de ator e o filho na de diretor, a fez pensar que em sua casa os papéis de pais e filhos estavam invertidos. Esse dado reflete a ideia do quanto realmente no grupo a figura foi capaz de portar uma revelação, uma mensagem do inconsciente, porque nas trocas posteriores algo do inesperado foi apontado por outro membro sobre a imagem e então a função do pré-consciente foi requisitada.

O mecanismo discutido acima, por ser visto como um dos achados do estudo, deve ser considerado como uma especificidade relevante dessa modalidade terapêutica: os apontamentos surgem espontaneamente, fazem sentido somente para quem escolheu a figura e não são invasivos. Por tudo isso são recebidos de uma forma completamente diferente de um enquadramento de terapia individual porque não é direto, e como o participante não precisa se defender da ideia trazida no grupo, o apontamento tem mais chance de promover reflexões.

Jacqueline assinalou que o grupo terapêutico a fez pensar bastante na questão de sermos parecidos com nossos pais e se havia alguma forma de fugir disso: “Eu fiquei muito assim, numa incógnita. Será que tem algum jeito de fugir disso ou de alguma forma eu sempre vou acabar sendo assim?”. Ela comenta que teme que seu casamento futuro seja parecido com o dos pais, principalmente porque eles brigam muito e ela sabe o quanto para o pai o casamento é insatisfatório. Nesse sentido o grupo terapêutico a ajudou a se tornar consciente dessa possibilidade.

No que se refere ao fato dessa experiência ter contribuído, ou vir a contribuir, para a prática clínica, houve exemplos claros, como o de Júlio, do quanto o grupo contribuiu para a elaboração e um novo posicionamento frente às dificuldades oriundas da sua história familiar, e conseqüentemente em seu atendimento. Ele parece ter aproveitado o grupo para se reconciliar com a figura de seu pai, pois seus pais haviam se separado em sua adolescência e ele ainda guardava mágoas do primeiro. Conta que o grupo o fez repensar sua história e, ao mesmo tempo, sobre o funcionamento de uma família que estava atendendo, cujo filho buscava assumir o lugar do pai, há pouco falecido.

Discussão

Da análise do material permite-se afirmar, em termos gerais, que o grupo terapêutico foi capaz de favorecer o funcionamento do pré-consciente nos estudantes de graduação no que se refere à elaboração psíquica de conteúdos ligados à trama inconsciente familiar.

O funcionamento do sistema pré-consciente foi percebido por meio da tomada de consciência (*insight*) de aspectos da história familiar para alguns; da maior conscientização acerca da influência de determinada problemática sobre o direcionamento da vida, para outros; ou ainda, por meio da elaboração de conflitos pendentes com pais e familiares.

O fundamento para a afirmação do funcionamento do pré-consciente encontra-se nas trocas de material psíquico intersubjetivas, de forma consciente e inconsciente, observadas em todos os encontros grupais. Em vista disso, são claros e evidentes os processos psíquicos elaborativos subjacentes. O exame dos dados de todos os encontros sustenta que as trocas de material psíquico, surgidas por meio dos apontamentos sobre as escolhas das imagens, no sentido de valorizar algum aspecto não percebido, produziam um caráter revelador àquele que havia feito a escolha. Isso convidava o participante, dono da imagem, a pensar mais profundamente sobre algum elemento de sua vida. O que demonstrou que a adaptação da técnica da Fotolinguagem© para a escolha de imagens em revistas produziu o mesmo efeito. A maioria dos estudantes relatou que não parava para pensar na imagem que ia escolher, utilizando, portanto, a associação livre na captura de uma imagem qualquer.

Assim, acredita-se que os resultados apresentados são suficientes para sustentar a ideia de que o Grupo Terapêutico de Mediação é um importante instrumento terapêutico e que também pode ser empregado como uma estratégia de formação para aqueles que estejam iniciando a prática clínica psicanalítica a casais e famílias.

O grupo terapêutico se mostrou eficiente no sentido de possibilitar a construção de uma cadeia associativa grupal, responsável por promover ligações entre processos primários e secundários. No processo secundário a satisfação imediata das pulsões é adiada e entra em cena um funcionamento psíquico mais elaborado, que envolve representação, função do pré-consciente. Isso principalmente porque num grupo o indivíduo não fala somente em nome próprio, tendo em vista o fato de que a transferência não está condensada na figura do terapeuta e de que há o estabelecimento de alianças inconscientes, que permitem que aquilo que é possível de ser trabalhado pelo grupo venha à superfície (Kaës, 2005a, 2005b), propiciando a formação de um dispositivo terapêutico.

No âmbito da Psicologia, este estudo contribui no sentido de questionar e instigar novas formas de se pensar a formação do graduando, que requer um suporte psicológico até hoje não oferecido como parte da estrutura curricular no país. O modelo terapêutico apresentado se mostrou satisfatório, ainda que apresente limitações, tendo em vista que os dados sugerem que para alguns participantes não foi possível elaborar completamente determinado conflito. Ainda assim, para todos os membros ao menos uma tomada de consciência sobre questões abordadas pelos encontros, que permaneciam latentes, foi possível. Quanto a isso, pode-se pensar que o oferecimento de mais um encontro com o terapeuta, posterior ao grupo, seria suficiente para se sugerir um encaminhamento para uma terapia individual, se necessário. Por outra via, o Grupo Terapêutico de Mediação poderia contemplar um número maior de encontros, que possibilitasse elaborações mais profundas, e isso ainda pode ser tomado como um desdobramento deste estudo em termos de futuras investigações. Toma-se como hipótese que temas que foram apenas levantados poderiam encontrar no grupo formas mais representativas de significado ao longo do tempo. Reforçando essa ideia, alguns participantes ressaltaram que sentiam que se o grupo tivesse continuado por mais tempo teriam colhido mais benefícios.

Finalizando, o que se pode concluir desta pesquisa é que o oferecimento do Grupo Terapêutico de Mediação pode ser entendido como um cuidado complementar à formação do estagiário de Psicologia, de forma geral. Isso porque a temática escolhida para a formulação das questões é que definirá os conteúdos que serão trabalhados no grupo. O principal benefício estaria em assegurar um atendimento psicoterapêutico de maior qualidade e um cuidado com os estudantes que iniciam a árdua tarefa da prática clínica.

Considerações éticas

A presente pesquisa foi aprovada em 10 de junho de 2013 pelo Comitê de Ética em Pesquisa, lotado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O protocolo de referência deste estudo é o de nº. 14598113.3.0000.5561.

Referências

Bleger, J. (1980). A entrevista psicológica. In J. Bleger [Autor], *Temas de psicologia: entrevista e grupo*. São Paulo: Martins Fontes.

- Campos, C. J. G., & Turato, E. R. (2010). Tratamento hemodialítico sob a ótica do doente renal: estudo clínico qualitativo. *Rev. bras. enferm*, 63(5), 799-805.
- Castanho, P. C. G. (2011). *Da associação livre aos objetos mediadores em grupo: o processo associativo (e o tempo psíquico) no contato com objetos*. In Anais do XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama. Recuperado em 17 nov. 2016 de <<http://www.febrap.org.br/publicacoes/Arquivos.aspx?idc=1&idt=A&idm=27>>.
- Castanho, P. C. G. (2012). *Um modelo psicanalítico para pensar e fazer grupos em instituições*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Correa, O. R. (1992). Aspectos da transferência e da contratransferência na abordagem psicanalítica do grupo familiar e casal. In M. Ramos. (Org.), *Terapia de casal e família: o lugar do terapeuta* (p. 61-72). São Paulo: Brasiliense.
- Frosh, S. (2009). *O lugar da psicanálise no campo da psicologia social*. Aulas ministradas no Instituto de Psicologia nos dias 25 e 27 de agosto, 01, 03 e 04 de setembro de 2009.
- Gomes, I. C. (2005). A formação clínica do estagiário de psicologia em atendimento a casais e famílias na abordagem psicanalítica. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (p. 304-316). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Gomes, I. C. (2014). Conflictos conyugales en la contemporaneidad y transmisión psíquica: investigación e interpretación con parejas. *Subjetividad y procesos cognitivos*, 18(1), 122-140.
- Kaës, R. (1999). La parole, le jeu et le travail du préconscient dans le psychodrame psychanalytique de groupe. In R. Kaës [Autor], *Le psychodrame psychanalytique de groupe*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2005a). *Espaços psíquicos compartilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005b). *La parole et le lien : processus associatifs et travail psychique dans les groupes*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Lamanno, V. L. (1994). *Repetição e transformação na vida conjugal: a psicoterapia do casal*. São Paulo: Summus.
- Melo, C. V., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. *Estilos da Clínica*, 19(1), 163-182.
- Mitsopoulou, A. & Vacheret, C. (2013). La figurabilité de l'affect dans un groupe à médiation. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 1, 171-184.
- Paiva, M. L. de S. C., & Gomes, I. C. (2012). La transmission psychique et la constitution du lien conjugal. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 1, 81-90.
- Sei, M. B., & Gomes, I. C. (2012). Demandas por atendimento psicológico e a transmissão psíquica transgeracional. *Revista OMNIA Saúde*, 8(1), 26-35.
- Spivacow, M. A. (2011). *La pareja en conflicto*. Buenos Aires: Paidós.
- Vacheret, C. (2000). *Photo, groupe et soin psychique*. Lyon: PUL.

- Vacheret, C. (2005). Les configurations du lien, la chaîne associative groupale et la diffraction du transfert. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 2(45), 109-116.
- Vacheret, C. (2008). A Fotolingagem©: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 180-191.
- Zanetti, S. A. S. (2012). *A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existências contemporâneas e a herança psíquica geracional*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 57-74.
- Zanetti, S. A. S., Sei, M. B., & Colavin, J. R. P. (2013). Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. *Vínculo*, 10(1), 45-54.

Recebido em 24 de maio de 2015

Aceito para publicação em 26 de junho de 2016

